



RIO BRANCO IS BURNINGⁱ: O BAILE PANTERA GAY (1986-1989) E SUAS PERFORMANCES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Samyr Alexssander Farias Leite ⁱⁱ

Mestre em Letras pela
Universidade Federal do Acre (UFAC)

RESUMO

O presente artigo analisa as performances de sexualidade e/ou gênero de sujeitos identificados como “gays” e “travestis” no Baile Pantera Gay (1986-1989), realizado na cidade Rio Branco (AC), tendo por fontes as narrativas jornalísticas veiculadas em *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* no período. Para problematização das fontes dialoga-se com estudiosos como Judith Butler (2002; 2015), Gayle Rubin (1984; 1993), Joan Scott (1995), além de autores comentadores e críticos sobre as temáticas de gênero, sexualidade e Amazônia acreeana, como Larissa Pelúcio (2009), Guacira Lopes Louro (2000), Gerson Albuquerque (2009), entre outros.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Pantera Gay; Jornais. Amazônia.

RESUMEN

El presente artículo analiza las actuaciones de sexualidad y / o género de sujetos identificados como "gays" y "travestis" en el Baile Pantera Gay (1986-1989), realizado en la ciudad Rio Branco (AC), teniendo por fuentes las narrativas periodísticas vehiculadas en *O Río Branco* y *Gazeta do Acre / A Gazeta* en el período. Para problematización de las fuentes se hace dialogo com estudiosos como Judith Butler (2002; 2015), Gayle Rubin (1984; 1993), Joan Scott (1995), además de autores comentadores y criticos acerca de las temáticas del género, sexualidad e Amazonias acreeanas, como Larissa Pelúcio (2009), Guacira Lopes Louro (2000), Gerson Albuquerque (2009), entre otros.

Palabras clave: Género; Sexualidad; Pantera Gay; Periódicos; Amazonias.

Os anos 1980 foram de intensas manifestações sociais na capital do Estado do Acre, potentes reflexos de um processo de êxodo rural incisivo, acentuado na região a partir de finais dos anos 1960 com a quase total implosão do “negócio da borracha”, que, entre outros fatores, propiciou um “boom” populacional em Rio Branco (AC), crescimento urbano acelerado e “desordenado”³ e o deslocamento de milhares de corpos e sujeitos, com suas identidades e culturas.

Diversos estudiosos do declínio do negócio da borracha e desenvolvimento urbano do Acre, de diferentes campos dos saberes, voltaram suas lentes de análise para relações conjunturais que ressaltavam os aspectos econômicos como os capazes de “explicar” com mais eficiência as “causas” e “efeitos” da movimentação dos sujeitos das florestas para as cidades do Acre no período. Dava-se destaque, a perspectiva de inserção das Amazônias acreanas nos projetos desenvolvimentistas que marcaram os governos civis-militares pós 1964, com a “venda” de terras no Acre para sujeitos oriundos, principalmente, do centro-sul do Brasil, visando o desenvolvimento de atividades agropecuárias, os denominados “paulistas” (ROCHA, 2006), e a expulsão de uma gama de sujeitos dos seringais então “desativados”⁴.

Estudos mais recentes ampliaram/diversificaram seus focos de atenção para questões mais relacionadas à “cultura”, aprofundando o olhar e interesses para outras experiências no período 1970-1990 nas Amazônias acreanas, elaborando narrativas sobre as vivências dos sujeitos a partir de recortes como gênero, classe social e “raça”, construindo visibilidades para mulheres, indígenas, afroindígenas⁵, pessoas negras, habitantes das periferias, que no período e contexto referenciado no Acre, eram tecidas e significadas como “invasões” (ROCHA, 2006). A potência das manifestações políticas de homens e mulheres, artistas, “anônimos” das invasões, líderes populares locais, seringueiros em contexto urbano, foram objetos de diversos estudos das ciências sociais, em diferentes instituições de ensino superior pelo Brasil.

Entretanto, a cidade de Rio Branco (AC) também foi um espaço de manifestações e performances subversivas de gênero e sexualidade, experiências que tiveram seus poderes de contestação social e cultural pouco explorados por análises acadêmicas, mesmo no tempo presente. Na contramão dessa perspectiva, esse artigo buscará elaborar narrativa sobre um evento cultural que era *lócus* de desempenhos de gênero e/ou sexualidade que desafiavam o *status quo* da heteronormatividade: O Baile Pantera Gay, especificamente as edições realizadas entre

1986-1989. As fontes para construção da análise serão as narrativas jornalísticas veiculadas em *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* no período.

Importa destacar, inicialmente, que a concepção do gênero como performance é instrumentalizada nessa pesquisa principalmente a partir das percepções teóricas e críticas de Judith Butler (2002; 2015). Essa intelectual norte-americana defende em sua postulação para a categoria gênero a perspectiva de PERFORMATIVIDADE, visando problematizar concepções que a encerram no âmbito do puramente biológico ou de uma identidade “essencial” e “naturalmente” definida e inescapável, desvelando o gênero e o sexo como “normas” sociais que operam na materialização dos corpos/sujeitos estritamente em masculinos/machos e femininos/fêmeas. Butler considera:

(...) atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (BUTLER, 2015, p. 235).

Por esse viés, as expressões tomadas como “naturais” para os gêneros seriam produzidas e “naturalizadas” em função de discursos de origem cultural, que determinam como performances corporais deverão ser produzidas e classificadas enquanto masculinas e femininas para possuir um “significado” social válido, a partir de uma matriz cultural de inteligibilidade dos gêneros que define como expressão “coerente” uma pretensa continuidade entre sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2015).

A categoria gênero tem sido constantemente visitada por análises de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, sobretudo, desde os anos 1960, quando estudiosas feministas iniciaram a elaboração de uma percepção-concepção mais profunda desse termo/conceito, objetivando construir críticas e narrativas analíticas mais potentes sobre as diferenças entre sexo “biológico” e gênero “cultural” e suas relações com a “opressão” das mulheres e as desigualdades entre elas e os homens.

As análises de teóricas feministas, mais recente de estudiosos “Queers”⁶, tem demonstrado como as relações de gênero são estruturantes das relações sociais, influentes na formação e hierarquização dos sujeitos na cultura e no social. Pesquisadoras como Joan Scott (1995) e Gayle Rubin (1993)⁷ se destacam enquanto estudiosas das questões relativas ao gênero, buscando formular

análises que refinem a percepção dessa categoria para os estudos da História e Antropologia, se sobressaindo por considerar os constituintes culturais e sociais do gênero e suas ligações com aspectos amplos das organizações políticas, econômicas, religiosas e jurídicas.

Entre Scott, Rubin e Butler existem divergências de cunho teórico e metodológico, especialmente na percepção/compreensão do corpo e do sexo na elaboração do conceito e percepção do “gênero”, mas essas intelectuais partilham de um ponto de convergência potente: a oposição a concepções naturalizantes e essencialistas das identidades de gênero e sexualidade, apontando a constituição dessas as relações de poder amplas e diversas. Em suma, o gênero e a sexualidade são duas categorias úteis a análise histórica e devem ser consideradas nas formulações de narrativas sobre os passados e os sujeitos, articuladas como elementos estruturantes das relações sociais, políticas e econômicas, e é dessa perspectiva e posição que esse trabalho dialoga.

Em diversas narrativas acadêmicas dos eventos e manifestações ocorridas na cidade de Rio Branco nos anos 1980, a perspectiva do gênero é saliente, com produções ressaltando as especificidades das experiências de homens e mulheres, com a elaboração de conclusões que extraem muito

de sua potência explicativa de percepções binárias dos corpos e das performances de gênero, significadas estritamente a partir do masculino e feminino, sem atenção a performances questionadoras e subversivas desse binarismo. O interesse por analisar o Baile Pantera Gay surge, ademais, da necessidade de se elaborar narrativas que visibilizem as experiências que contrariam as expectativas das heteronormas para o gênero e a sexualidade.

No bojo de importantes e frutíferas análises que priorizaram aspectos econômicos e políticos para construir narrativas de História (numa perspectiva conservadora e “historicista”), os atos políticos do cotidiano, produzidos por sujeitos que não correspondiam ao esperado pelas convenções hegemônicas para o gênero e a sexualidade, foram negligenciados, despotencializados como focos de subversão e confronto as normas e hierarquias de poder que organizavam os sujeitos na cidade de Rio Branco (AC), definindo locais de superioridade e inferioridade por meios da intersecção entre gênero, sexualidade, “raça” e classe social, polos estruturantes na formulação de posições-de-sujeitos (LOURO, 2000).

Mas, afinal, o que foi o Pantera Gay? O evento foi pensado como um baile onde os “gays” e/ou “travestis” da cidade de Rio Branco competiriam pelo título de “Pantera”. As concorrentes desfilavam em trajes classificados em duas categorias: roupas sociais e “fantasias de pantera” (roupas de banho). A sua primeira edição aconteceu em 1986⁸, no Clube Juventus. Ao longo de sua ocorrência no período pesquisado, o evento sagraria como vencedoras Cláudia Muniz (1986), Débora Nitiguel (1987), Roberta Tarauacá (1988) e Mika (1989).

O evento, segundo noticiado pelos jornais pesquisados, fez bastante sucesso na

cidade, atraindo público máximo nos anos de 1986 e 1987, conforme narrativas jornalísticas “Um sucesso”, de 30.03.1986, edição nº 2789, e “Pantera G é a Belíssima gatona Débora”, de 22.04.1987, edição nº 3104, ambas publicadas em *O Rio Branco*. No ano de 1989, o evento contaria, inclusive, com a presença de conhecidos sujeitos da cena artística “gay” do Brasil, como o ator Jorge Lafont (a época contratado da TV Globo), intérprete da personagem humorística “Vera Verão”, e o transformista Georgia Bengston, reconhecido pelas suas performances de dublagem da cantora Gal Costa⁹.

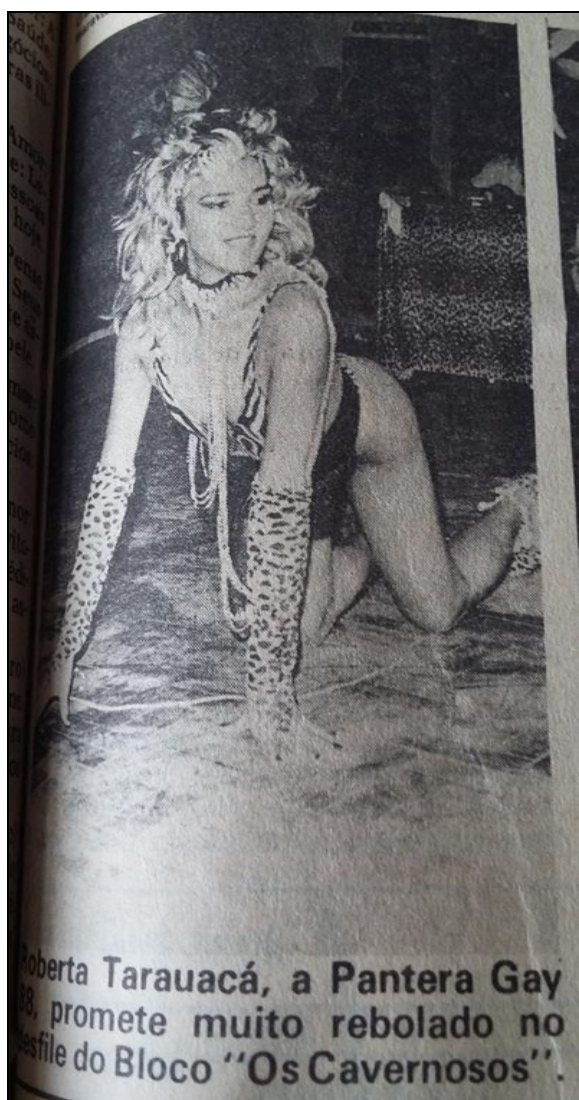


"Cláudia" Muniz foi escolhida em primeiro lugar no concurso



A Pantera "G" 87 é Débora Nitiguel, numa foto de Agenor Mariano. Linda não?

Figura 01 (esquerda): Pantera G-1986, Cláudia Muniz, foto publicada em reportagem “GAY: As emoções secretas do baile das bonecas”, *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131; **Figura 02 (direita):** Pantera G-1987, Débora Nitiguel, foto publicada em reportagem “Pantera G 87 é a belíssima gatona Débora”, *O Rio Branco*, 22.04.1987, edição 3104.



10

Figura 03 (esquerda): Pantera G-1988, Roberta Tarauacá, foto publicada no jornal *A Gazeta*, 03.02.1989, edição 951, p. 11; **Figura 04 (direita):** Pantera G- 1989, Mika, foto publicada em notícia “O Pantera Gay”, *A Gazeta*, 05.04.1989, edição 998.

No tempo presente, percebe-se um processo de diferenciação das identidades homossexuais masculinas e das travestilidades¹⁰, onde se ressaltam características dessas identificações de sexualidade e/ou gênero que marcam especificidades constitutivas, como a identificação com o gênero designado ao nascer, o desejo por realizar procedimentos de

alterações corporais e a orientação do desejo sexual. Dessa perspectiva, ressalta-se que travestis não são uma “evolução” da identificação homossexual masculina, mas sujeitas que vivenciam uma identificação de gênero em divergência ao designado no nascimento, agregando a um corpo definido “masculino” elementos “femininos”. As identidades travestis, então, estão relacionadas

a processos de identificação e constituição de um gênero, ao passo que as identidades homossexuais masculinas, referem-se a aspectos da sexualidade.

Contudo, no período de realização do baile “Pantera Gay”, essa diferença de constituição das identidades “gays” e “travestis” não eram ressaltadas. As narrativas jornalísticas significavam as concorrentes com ambas as identificações, tratando-as enquanto sinônimos¹¹. Havia uma leitura, que tomava por base a perspectiva de naturalidade dos sexos e, conseqüentemente, das expressões de gênero possíveis e inteligíveis, que as “Panteras gays” eram todas homens homossexuais, mesmo aquelas que apresentavam uma performance de gênero em divergência as normas hegemônicas para o masculino¹².

As patrocinadoras do Pantera Gay eram “damas da sociedade” local, mulheres com relevância social por serem casadas com importantes figuras do meio empresarial e político no Acre do período¹³. A “chancela” dessas mulheres influentes pode ser indicativa de um importante aspecto do evento a ser abordado: a classe social das concorrentes.

Por estarem numa condição econômica e social mais privilegiada, essas senhoras podiam patrocinar e organizar um evento que proporcionasse visibilidade positiva aos “gays” e “travestis” locais e o acesso desses aos espaços mais “elitizados”

de Rio Branco, como era o Clube Juventus na época. Pois, a maioria das “panteras” provinha de classes sociais mais pobres, desempenhando atividades laborativas menos prestigiadas e morando nos bairros tidos como “pobres/periféricos”, assim afastadas dos grandes circuitos de atividades sociais e opinião do Estado. Os jornais pesquisados destacariam que a maioria delas exerciam atividades autônomas, como cabeleireiras¹⁴, não exercendo o “transformismo” profissionalmente.

Com base nessas informações, pode-se articular que havia um conjunto de fatores, relacionados à sexualidade, gênero e classe social, que determinava aos sujeitos “gays” e/ou “travestis” uma posição na sociedade local. Uma posição de profunda complexidade, pois, ao mesmo tempo em que parecia não permitir as postulantes a “Pantera gay” o acesso a determinados postos sociais de influência e prestígio econômico-social, permitia uma liberdade aos sujeitos para se contraporem as normas hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade, numa precariedade que as permitia movimentação social com suas performances corporais-afetivas “subversivas”.

A origem pobre surge como ponto primordial no processo de “virar” gay e/ou travesti na perspectiva narrativa dos jornais pesquisados, como em notícia intitulada “Travestis invadem a noite de Rio Branco”,

de *Gazeta do Acre/A Gazeta*, edição nº 655, de 09.02.1988. No texto referido, jornalista estrutura biografia geral das sujeitas que apresenta e que contrariam as convenções para o gênero e/ou sexualidade, nos seguintes termos:

“(…) Suas histórias são mais ou menos idênticas. Muda somente a personagem. A origem pobre, a descoberta da homossexualidade e o desejo, muitas vezes influenciados, de “ser” uma mulher. “Desde cedo me sentia diferente. Queria ter corpo de mulher e achava que isso era possível. Depois descobri, através de alguns amigos gays que eu podia ir transando isso. Era só querer. E quis”. O depoimento acima é de Antonio Sobrinho, 21 anos, que veio do interior tentar a vida na cidade. Nome pelo qual ninguém o chama ou conhece, já que em raros momentos revela sua identidade. Prefere ser chamado de Baby, nome que adotou há uns dois anos quando começou a se hormonizar, termo usado para dizer que a pessoa está tomando remédios que acarretarão na mudança dos caracteres masculinos” (*Jornal Gazeta do Acre/A Gazeta*, edição 655, 09.02.1988).

O discurso de “origem pobre”, como base para a explicação de diversas problemáticas que acometiam o espaço da cidade de Rio Branco, era recorrente nas narrativas jornalísticas para o período, fosse para abordar casos de abuso sexual de menores, prostituição feminina, violência familiar, delinquência juvenil, criminalidade elevada e problemas da infraestrutura urbana. Uma espécie de percepção “guarda-chuva” que, ao mesmo tempo em que servia aos objetivos de denúncia social e crítica generalista aos políticos do Acre por parte dos

veículos de comunicação estudados, encobria uma série de complexidades e diversidades dos sujeitos narrados nas páginas dos jornais, significados univocamente pela figura da pobreza e da precariedade.

Na narrativa de “Travestis invadem noite de Rio Branco”, a identidade/visibilidade travesti é tratada como um “problema social”, num mesmo nível que as elencadas em parágrafo anterior, sendo a diferença das sujeitas travestis transformada em desvio da “normalidade” heterossexual, potencializado pela pobreza, orientação sexual e “influências” e as suas experiências de afetos sumariamente significadas pelo “exercício” da prostituição.

Essa notícia não se refere especificamente ao Baile Pantera Gay, mas apresenta como personagens algumas das travestis e/ou gays que estariam concorrendo ao título de Pantera entre 1986-1989. Numa cidade como a Rio Branco de meados de 1980, com pouco mais de 150 mil habitantes, a presença e a movimentação de “gays” e “travestis” configurava um evento notável, sendo que esses sujeitos estavam recorrentemente presentes nas páginas dos jornais locais, no geral, nas colunas relacionadas aos assuntos de polícia ou eventos culturais (LEITE, 2018).

A visibilidade de travestis e gays nas páginas relacionadas a eventos culturais aponta para uma perspectiva de

“espetacularização” dessas identidades, havendo uma série de articulações das manifestações dissidentes para as concepções hegemônicas de gênero e/ou sexualidade com o “show bussines” artístico no Brasil, sobretudo, pelas representações do “transformismo” no período 1960-1990 (TREVISAN, 2004; GREEN, 2000; DUQUE, 2009). Na cidade de Rio Branco nos anos 1980, a presença de gays e travestis era notória em eventos do período carnavalesco¹⁵, nos desfiles das escolas de samba mais conhecidas da capital do Acre, tornando conhecidas figuras como Patrícia, Raimeken e Carla¹⁶.

Em 1986, o Baile Pantera Gay surge como um corte “inovador” na visibilização desses sujeitos, significados ora como personagens carnavalescos, ora como infratores da ordem numa cidade regida pelos imaginários e lógicas da heteronormatividade. Os jornais pesquisados, em momentos de promoção do evento, o significariam como uma amostra de “não preconceito”, uma “noite dos gays” e “modernidade” da sociedade Rio Branquense, e numa lógica de significação que divergia da usual em suas narrativas e nas posições que elaboravam para gays e travestis, no geral, enquanto “problemas de polícia”, representavam-os como “artistas”, portadores de “belezas” femininas excêntricas e dignas de notabilidade¹⁷.

Entretanto, mesmo nas narrativas de “promoção” do evento, pode-se perceber que esse era um momento tanto de “glória” quanto de tensão para as concorrentes. Havia uma série de problemas potencializados com a visibilidade proporcionada pelo Baile: a rejeição familiar, o preconceito, o medo de agressões físicas. Os gays e/ou travestis trafegavam pela cidade, por diversos espaços públicos, com suas presenças significadas enquanto “inadequadas”, “imorais” e “indesejadas” e com pedidos as autoridades policiais para coibir suas manifestações (LEITE, 2018), contudo, esses sujeitos pareciam não saber o que esperar de uma visibilidade tão nova e incisiva como a do Pantera Gay. Algumas candidatas desistiram de participar do evento, ao passo que outras, desafiariam suas famílias para permanecer na corrida pelo título.

A narrativa jornalística mais ampla produzida sobre o Baile seria uma reportagem, assinada por Eisenhower Campos e Jaqueline Melo, intitulada “GAY: As emoções secretas dos bailes das bonecas”, publicada por *Gazeta do Acre*, Caderno 02, edição nº 131, em 06.04.1986. O material se destina a divulgar os bastidores da 1ª edição do Pantera Gay, e por meio de sua perspectiva narrativa, pode-se destacar afirmações que apontam como as performances de gênero e sexualidade dos gays e/ou travestis eram significadas quando apresentas em um evento

cultural com status “artístico”, quais tensões eram enfrentadas pelas participantes e mesmo como uma comunidade regida pelas lógicas das normas hegemônicas para o gênero e sexualidade se estratificava com base nesses recortes. Eis a parte inicial da narrativa:

GAY: AS EMOÇÕES SECRETAS DO BAILE DAS BONECAS

A tensão foi a grande tônica nos dias que antecederam a realização do baile para escolha da Pantera Gay no Juventus no último dia 29. As meninas estavam apreensivas tanto pelo trabalho de confecção de suas roupas como pelo que poderia acontecer durante o desfile: “o máximo que pode acontecer é um bofe querer me arrasar e isso não vai me atingir”, dizia Violeta enquanto cuidava de sua peruca sexta-feira.

Era a glória. Machões, meios machões, socialytes e a turma tipo “penetra”, compareceram ao Juventus para ver não o que as baianas têm. Mas o que o bicharal tem para estar tanto em evidencia. “Bicha gosta é de brilhar! Não vê a Jordana Sanloran? Nem que seja na página policial, mas a bicha aparece em jornal. No final todas são assim. Deve ser estado de espírito”, revelava uma não concorrente “morta de despeitada” pela família não deixa-la mostrar seu reverso da medalha.

A tensão foi grande. De dez que se apresentaram, para o concurso, somente sete acabaram chegando á passarela. E olha que no meio do desfile ainda teve desistência. “Não estava preparada psicologicamente para enfrentar o público. Estou nervosíssima e sem condições de voltar para a passarela”, dizia Xuxa nos bastidores justificando sua saída do páreo. (Jornal *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131).

Pode-se demarcar que nessa reportagem se evitam termos com carga pejorativa para se referir aos gays e as travestis, como “viado” e “baitola”, utilizados

com frequência para significar esses sujeitos nas páginas policiais dos jornais (LEITE, 2018). Para se remeter as concorrentes do Pantera Gay, se escolhiam termos como “bonecas”, “gay” e “meninas”, remetendo a uma performance de feminilidade sem demarcar deboche ou escárnio desqualificador mais explícito:

(...) As **meninas** estavam apreensivas tanto pelo trabalho de confecção de suas roupas como pelo que poderia acontecer durante o desfile (...). Com gritos de já ganhou, já ganhou, Veronica, uma **boneca** tipo mignon acabou inesperadamente conquistando o público que prestigiava o desfile. Feminina que só ela, calçando 35 e hiper delicada (...). Hoje já virou até piada na roda das **bonecas** da Praça Rodrigues Alves, a história de que Veronica sonhava em pegar o primeiro lugar. (...) Seja por um babado a mais ou por um decote mais ousado cada **boneca** queria ser a mais atraente que a outra (...). Após o desfile á rigor, as “**meninas**” já estavam na passarela com seus sumários trajes de panteras (...). (Jornal *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131).

O feminino performado pelas “Panteras” era destacado como desempenho artístico admirado, afirmando-se a exuberância e sensualidade das formas corporais apresentadas, como nos trechos:

(...) a **moreníssima arrebatadora** do primeiro título de Pantera Gay do Estado, Cláudia Moniz, passou por maus momentos. (...) Seja por um babado a mais ou por um decote mais ousado **cada boneca queria ser a mais atraente que a outra**. (...) **Madonna, loiríssima** e vestida de negro, com todos babados a que tinha direito (...). Entusiasmados com **o corpo escultural e o bumbum**

empinado de Cláudia Muniz e com a sensualidade da loura Violeta Miranne, que havia comentado “na frescura ninguém me vence” (...). (Jornal *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131).

Ressaltam-se partes dos corpos das concorrentes que remetiam as “formas” femininas, como os quadris, os seios, pés pequenos e os cabelos longos:

“(...) Veronica, uma boneca tipo mignon acabou inesperadamente conquistando o público que prestigiava o desfile. Feminina que só ela, calçando 35 e hiper delicada. (...) para delírio dos bofes, das rachadas e dos enrustidos, a primeira concorrente, Claudia Muniz, estava na passarela com cabelos longos, negros como a asa da graúna e com um vestido de paetê branco de ombro nu, ela rebojava seus quadris. (...) o top-less de Patrícia, que ficou irritada com a tira do maiô que deixou seus seios à mostra.” (Jornal *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131).

Contudo, o destaque para as partes dos corpos que compunham uma performance “feminina” credível, também abria espaço para questionamentos sobre a “ocultação” do órgão genital das Panteras, como se destaca em reportagem referenciada, no subtítulo “Na hora da verdade só emplasto sábia”:

NA HORA DA VERDADE, SÓ O EEMPLASTO DE SABIÁ.
Entre gritos e aplausos ansiosos dos presentes, as panteras desbundaram no salão com seus vestidos de noite. Seja por um babado a mais ou por um decote mais ousado cada boneca queria ser a mais atraente que a outra. Minutos antes, elas se digladiavam em olhares nervosos no camarim. E na menor oportunidade já soltavam suas

deixas: “queridinha, feche a porta, senão os bofes não vão resistir a minha nudez”, dizia uma delas. **Aproveitava para explicar á uma “rachada” que ela não estava vendo “aquilo”, porque ela tinha colocado para trás e pregado um “emplasto sabiá”.**

Esclarecimentos a parte, para delírio dos bofes, das rachadas e dos enrustidos, a primeira concorrente, Claudia Muniz, estava na passarela com cabelos longos, negros como a asa da graúna e com um vestido de paetê branco de ombro nu, ela rebojava seus quadris (...).

Após o desfile á rigor, as “meninas” já estavam na passarela com seus sumários trajes de panteras, **frustrando os olhares curiosos que insistiam em perguntar “onde elas esconderam o que a baiana tem?”**. Entusiasmados com o corpo escultural e o bumbum empinado de Cláudia Muniz e com a sensualidade da loura Violeta Miranne, que havia comentado “na frescura ninguém me vence”, os espectadores gritavam “já ganhou, já ganhou”. Imprevistos, só o bofe que adentrou os salões e caiu nos braços de sua musa Veronica e o top-less de Patrícia, que ficou irritada com a tira do maiô que deixou seus seios à mostra. (Jornal *Gazeta do Acre*, 06.04.1986, edição 131).

Na lógica instrumentalizada pelo texto, o genital das “meninas” significaria uma “verdade”, ocultada por uma série de estratégias para uma performance artística, sendo admirada pelos demais sujeitos, que manifestariam curiosidade com a capacidade das Panteras em “esconder” seus sexos anatômicos. Essas performances, consideradas artísticas, poderiam servir como demonstrativos da condição não “natural” e “inescapável” dos gêneros, pois, colocavam em evidência aquilo que Butler (2015) define como “três dimensões contingentes da corporeidade significativa” (BUTLER, 2015,

p. 237): sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero.

Essas dimensões corporais não se conectam obrigatória e naturalmente, conforme o determinado por uma matriz hegemônica para inteligibilidade dos gêneros, e as performances de travestis e “transformistas” podem revelar “a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (BUTLER, 2015, p. 237). O “sexo” das Panteras não se alinhava a performance de gênero, nem ao exercício de uma heterossexualidade presumida, e em alguns casos, as suas identificações de gênero. Nessa direção, ter nascido com pênis não impedia aos sujeitos identificarem-se com o feminino e publicamente se apresentar com elementos relacionados a esse gênero.

As candidatas do concurso exercitavam uma dramatização do gênero feminino, apropriando-se de concepções hegemônicas e simultaneamente subvertendo-as por expressá-las em corpos designados masculinos. Essa dramatização dos sujeitos agregava uma série de valores e intersecções de classe social e raça para se potencializar, objetivando parecer “mulheres de verdade”.

Consideradas as perspectivas de Butler (1993; 2015), as performances das panteras poderiam atuar tanto na desnaturalização quanto na re-idealização das normas

heterossexuais para os gêneros. Poderia-se apontar que ocorria uma “desnaturalização” das normas, no sentido em que parecia explícito e consensual que as “meninas” eram “meninos” e possuíam uma “anatomia” diversa do feminino representado. Assim, com suas performances, demonstrava-se que o gênero é uma construção sociocultural, constituído por meio da reiteração e citação constante de normas que regulam e produzem os corpos com gênero. No sentido de re-idealização, demarca-se que o feminino performado pelas panteras remetia-se a um padrão específico de beleza, em geral, alinhado a critérios brancos e de classes sociais ricas.

O gênero “representado” colocava em cena o ideal heterossexista de mulher: frágil, sedutora, sensual, vestida em trajes que ressaltassem suas formas, cabelos longos, maquiadas. Esse ideal de mulher-feminino é o hegemônico, representado como belo, desejável e recomendado, em diversos discursos públicos e midiáticos (telenovelas, publicações de moda, anúncios publicitários, etc). Conforme referenciado na reportagem “Gay: as emoções secretas do baile das bonecas”, os gays e/ou travestis se apresentavam no evento com nomes sociais que faziam referência a cantoras internacionais e apresentadoras de TV, no geral brancas, como Madona e Xuxa, ou com

nomes “femininos” considerados elegantes ou marcantes, como Patrícia, Débora e Cláudia.

Certamente, essa escolha não era realizada de maneira aleatória, mas a partir de referenciais de raça, classe e gênero que se combinava para “potencializar” as performances das “Panteras”. Deve-se questionar, entretanto, que nem sempre os sujeitos instrumentalizam “conscientemente” os padrões normativos e hegemônicos, mas que em busca por autenticidade mobilizam determinadas identificações, com seus padrões estéticos, para tornar mais inteligível e válido seus desempenhos de gênero, sexualidade, etnia e classe. Nessa direção, numa sociedade onde o padrão branco e heterossexual seria hegemônico, as “Panteras” articulavam os referentes dessas identificações para se produzir como “imitação” de um feminino privilegiado nos recortes de raça e classe.

Contudo, deve-se ressaltar, que havia um contexto cultural que minava bastante do potencial de desnaturalização dos gêneros e sexualidades promovida pelas performances de gays e/ou travestis no Baile Pantera gay e retroalimentava a re-idealização. A percepção dos sujeitos como “imitadores” de gênero é mais evidenciada pelas narrativas jornalísticas, os desempenhos eram enquadrados como espécies de paródias artísticas de um original.

Uma vigilância de gênero e sexualidade persistente parecia não permitir a subversão das identidades no sentido da desnaturalização, pois, parâmetros culturais bem estabelecidos definiam o que era “ser” homem e mulher e também o que significaria “ser” um sujeito não adequado a essas identidades “naturais”: bichas, gays, “meninas”, travestis ou elementos de um “terceiro sexo”. A narrativa de Eisenhower Campos e Jaqueline Melo, articula essa estratificação social ancorada no gênero e na sexualidade dos sujeitos ao significar os presentes no Pantera Gay com as seguintes categorias: “machões”, “meio machões”, “3º sexo”, “bonecas”, “meninas”, “rachadas”.

Conforme Nucci e Russo (2009), a idéia de “terceiro sexo” para categorizar sujeitos que não se enquadravam nas concepções hegemônicas para sexualidade foi constituída como uma das primeiras teorias científicas sobre a homossexualidade masculina. Essa percepção seria desenvolvida na segunda metade do século XIX, por seu enquadramento o sujeito dito “homossexual” era representado como alguém que possuía uma “alma” feminina em um corpo masculino, considerando que:

Para o jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs, criador da primeira teoria científica a respeito da homossexualidade e defensor de sua não-criminalização, a homossexualidade não seria algo monstruoso ou condenável,

mas, sim, uma espécie de “hermafroditismo da mente”, cuja origem biológica e inata impossibilitaria uma “cura” ou mudança do objeto de paixão do homossexual (LANTÉRI-LAURA, 1994). O homossexual, portanto, deveria possuir uma “alma feminina em um corpo masculino”, uma vez que o desejo por homens seria essencial – e necessariamente - de ordem feminina. (NUCCI; RUSSO, 2009, p. 128).

A perspectiva do “terceiro sexo” coloca em foco a heterossexualidade como característica distintiva de gênero, procedendo à aproximação entre o homem homossexual e a mulher heterossexual e da mulher homossexual do homem heterossexual, sendo ainda articulada em diversas teorias científicas contemporâneas sobre a homossexualidade, onde “noções mais vagas ou metafísicas - como ‘alma’ ou ‘mente’ – são substituídas agora por outra mais concreta e física - o cérebro” (NUCCI; RUSSO, 2009, p. 127). Nucci e Russo (2009) não estudam o uso da idéia de “terceiro sexo” especificamente nos discursos de mídia, mas no campo científico, contudo, ofertam com suas análises algumas possibilidades de interpretação para compreendermos o emprego dessa categoria nas notícias sobre o “Baile das Bonecas”.

No sentido de aproximar homens gays de mulheres heterossexuais, se pontua que o júri do Pantera Gay era formado exclusivamente por “senhoras”, mulheres presumidamente heterossexuais e

cisgêneras¹⁸. A notícia “Panteras G prometem show lá no Juventus”, publicada em *O Rio Branco*, de 28.03.1986, edição nº 2788, destacaria que “*as ‘meninas’ devem ser aquilatadas pela maquiagem, vestidos, desembaraço e charme e isto só mesmo a mulher pode auferir*”. As performances das concorrentes deveriam ser uma “citação” credível de um feminino, tomado e analisado por um “original” nesse viés.

A questão do desejo de um sujeito “gay” e/ou “travesti” por outro do mesmo gênero implicaria na existência de uma “natureza” feminina, já que o desejo pelo masculino-homem seria naturalmente esperado no feminino-mulher. A reportagem de Campos e Melo, destacará que o desejo das “Panteras” é direcionado a outros homens, as “bonecas” sentiam-se atraídas afetiva-sexualmente por “bofes” – “gatões”: “(...) *queridinha, feche a porta, senão os bofes não vão resistir a minha nudez (...)*”.

O “bofe” seria, em termos populares, o homem que se comportaria como o esperado para o gênero masculino. Don Kulick definiria “bofe” como “homens com clássica aparência masculina” e que na prática sexual “assume a função de penetrar” (KULICK, 2008, p. 135), perseguindo as concepções de travestis da cidade de Salvador, em inícios dos anos 1990. Larissa Pelúcio destacaria que a identidade de “bofe” caberia ao homem que “gosta de mulher ou,

no mínimo, do feminino” (PELUCIO, 2009, p. 79). Esses dois autores notabilizariam que a escolha das travestis por homens que “gostam de mulher”, “bofes”, funcionaria como um autenticador da identidade feminina construída, um sucesso em atrair um “homem de verdade”.

A reportagem “GAY: As emoções secretas do Baile das Bonecas” faz uma marcação de valor das masculinidades presentes no evento quando enuncia “*Machões, meios machões, socialytes e a turma tipo “penetra”, compareceram ao Juventus para ver não o que as baianas têm (...)*” e “*(...) Esclarecimentos à parte, para delírio dos bofes, das rachadas e dos enrustidos, a primeira concorrente, Claudia Muniz, estava na passarela (...)*”. Conforme Kimmel (1998):

(...) as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.) (KIMMEL, 1998, p. 105).

Na reportagem, articulam-se os dois campos percebidos por Kimmel (1998) para a construção das masculinidades, considerando que “machões” poderiam ser lidos como os sujeitos que expressariam uma masculinidade nos moldes hegemônicos, contrastando com os “meio machões” e os “enrustidos”, numa

diferenciação dos sujeitos masculinos marcada pela sexualidade.

Os “meio machões” e “enrustidos” poderiam ser compreendidos como sujeitos do gênero masculino que exercitavam afetividade-sexualidade para além da heterossexualidade presumida, provavelmente com os sujeitos identificados como “meninas” e “bonecas”, as concorrentes ao título de Pantera. O jornalista ironiza as práticas afetiva-sexuais desses sujeitos com o uso da gíria “*penetra*”, insinuando que esses homens, aparentemente “machos”, penetrariam as “meninas” ou seriam penetrados, sendo deslocados de uma posição de masculinidade incontestada (machos completos) para uma subalterna (meio machos).

O “machão” é o modelo completo, sendo os outros masculinos em alguma medida inferior e, nas relações com esses modelos subalternos de masculinidade, se afirmaria pela distância, separação, e com as mulheres/feminino pela diferença e relação de domínio, salientando-se que o “hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros” (KIMMEL, 1998, p. 105). A interação de uma gama de sujeitos marcados por gênero e sexualidade num mesmo espaço, demarca contrastes entre eles e permite que se possa classificá-los e definir identidades por diferenças e

“alteridades”, com alguns desses outros posicionados como “inferiores” ou “anormais”.

As “rachadas” e “socialytes” significariam as figuras femininas presentes ao evento. As mulheres são referenciadas com uma gíria que remete a vagina, “rachadas”, numa conotação que relaciona estritamente o feminino a corporalidade e estrutura diferença entre elas e as “meninas” do Pantera, articulando uma concepção que faz da genitália a expressão do “verdadeiro” sexo-gênero, ademais, de representar o genital como ponto corporal de síntese e autenticação das experiências “genuinamente” femininas, remetendo a sua funcionalidade sexual e potencial reprodutivo.

Por esse viés, o evento Pantera Gay não atraía somente público de gays, travestis e lésbicas, mas também sujeitos heterossexuais. A categorização construída pelos jornalistas serve para demarcar diferenças de gênero e sexualidade entre os sujeitos no espaço social: “machões” e “rachadas” (heterossexuais presumidos), “meninas” – “3º sexo”, “bonecas” (os gays assumidos, as travestis, as concorrentes do Baile), “meio machões” e “enrustidos” (sujeitos que em algum aspecto relativo à sexualidade e/ou gênero não correspondiam as heteronormas, homossexuais/bissexuais não assumidos).

A maioria das candidatas do baile não apresentava alterações corporais marcantes ou

irreversíveis, realizavam suas apresentações na competição com o auxílio de roupas, maquiagens, perucas, adereços e “atos corporais estilizados”. Thiago Duque (2009) apresenta concepção interessante sobre processos de montagens e desmontagens estratégicas, com pontuações que pode servir para analisar as experiências performáticas de gênero das “panteras gays”. Referenciando-se em Marcos Benedetti, Duque (2009) define “montagem” como o ato de vestir-se de mulher, considerando ademais que:

Esse termo êmico diz respeito a “um processo de manipulação e construção de uma apresentação que seja suficientemente convincente, sob o ponto de vista das travestis, de sua qualidade feminina” (2000: 60). O convencimento é garantido também através de outras ações que podem compor a montagem em um sentido mais amplo, como os hormônios femininos adotados por travestis desde o final da década de 1960 (GREEN, 2000) e a técnica de aplicação do silicone líquido (...). (DUQUE, 2009, p. 17-18).

Os processos de alterações corporais efetuados pelas travestis nos anos 1960-1980 contrastam com os efetuados na atualidade, principalmente pela impossibilidade da reversão de alguns procedimentos bastante praticados naquele período, como a aplicação de silicone industrial em determinadas partes dos corpos (quadril, seios, nádegas e rosto). Duque (2009), em análise da constituição das identidades travestis na adolescência, no contexto da cidade de Campinas (SP) em

términos da primeira década dos anos 2000, concluiu que essas identidades estão mais fluídas e que os sujeitos têm operado montagens e desmontagens estratégicas da feminilidade, “a partir de uma manipulação da vergonha e do estigma para se conquistar, entre outras coisas, parceiros sexuais e transitar na escala de exposição à violência” (DUQUE, 2009, p. 78).

Na configuração apontada por Thiago Duque (2009), os sujeitos operam alterações corporais utilizando-se de meios reversíveis e que podem ser reconfigurados em determinadas situações por questões relacionadas à sobrevivência e a fluxos desejantes. Essa percepção é interessante, pois aponta para o “fluir” identitário que marca as existências dos sujeitos dissidentes das heteronormas e como os espaços sociais e as situações de interação podem deslocá-los por várias “casinhas classificatórias” (DUQUE, 2009). As concorrentes do Pantera gay pareciam operar a perspectiva de montagem e desmontagens estratégicas, ressalvadas as questões referentes ao contexto cultural e posicionamento temporal para formulação conceitual de Duque e as vivências daqueles sujeitos.

No contexto dos anos 1980, conforme as possibilidades de percepção e análise que as fontes jornalísticas permitem, os sujeitos gays e/ou travestis na cidade de Rio Branco (AC) não tinham acesso fácil e recorrente a

recursos materiais e tecnológicos para operar as alterações corporais desejadas, de forma mais marcante e irreversível, como a aplicação de silicone industrial líquido. No período, era mais acessível o consumo de hormônios por meio da ingestão de pílulas anticoncepcionais femininos, como registrado pela reportagem “Travestis invadem a noite de Rio Branco”, jornal *Gazeta do Acre/A Gazeta*, edição 655, 09.02.1988.

Nesse sentido, para construir uma montagem feminina, os sujeitos lançavam mão de recursos como roupas, maquiagem e perucas. Pesquisas a serem realizadas poderiam buscar compreender como as condições materiais e econômicas do Estado do Acre, no contexto dos anos 1980, limitavam os processos de alterações corporais de pessoas identificadas como travestis e/ou gays, por exigirem custos que muitos não poderiam arcar, como a necessidade de deslocamentos a outros estados do país para aplicação de silicone, dificultando a construção de um corpo adequado as suas identificações de gênero.

A notícia “Boneca Raymek quer mais silicone no corpo”, publicada pelo jornal *O Rio Branco*, 09.10.1985, p. 09, edição nº 2651, pode ser indicativa dessa busca por outros estados no Brasil pelas travestis e/ou gays que vivam no Acre, objetivando para proceder às alterações corporais mais complexas, na narrativa afirma-se:

(...) A boneca deslumbrada, bastante renomada no mundo gay acreano por “Raymek”, esteve recentemente em Campinas para aplicar silicone nos rostos e nas nádegas. (...) Na semana passada, sem dinheiro, pois havia chegado de São Paulo, aonde fora para pôr silicone no traseiro e rosto (...). Falando do silicone injetado no corpo, “Raymeke”, afirmou que “se sente feliz já que ficou com o traseiro tipo tanajura para atrair os homens e com rosto de mulher”. (...) “nos próximos dias estarei voltando ao sul maravilha, desta feita para pôr silicone nos seios, pois somente assim me sentirei uma mulher completa e logicamente realizada”, explicou. (...). (Trechos da notícia “Boneca Raymek quer mais silicone no corpo”, jornal *O Rio Branco*, 09.10.1985, edição 2651, p. 09).

Para realizar procedimentos com silicone, “Raymek” precisou se deslocar ao estado de São Paulo, o caráter de novidade do processo na cidade de Rio Branco pode ser indicado pela razão de que a notícia foi veiculada em página policial e o evento a ser noticiado, inicialmente uma acusação de furto, foi secundarizado para se notabilizar a aplicação de silicone e as alterações físicas da sujeita. Assim, com a indisponibilidade de determinadas tecnologias que pudessem patrocinar alterações corporais mais incisivas e montagens irreversíveis, de modo geral, os sujeitos identificados por “gays” e/ou “travestis” pareciam articular momentos de montagem e desmontagem, numa movimentação fluída que caracterizava suas performances de masculinidade e feminilidade.

A reportagem “Gay: As emoções secretas do baile das bonecas” dramatiza uma situação que também pode ser indicativa dessa perspectiva: a concorrente Verônica, que competia à revelia da vontade familiar, sai apressada ao término do evento e ao chegar em casa, ainda com as roupas de Pantera, é interpelada pela avó da seguinte forma, nos termos do jornalista: “- *Menino que palhaçada é essa? Onde é que tu andavas nesses trajés? Tu tá ficando doido?*”. Do ponto de vista representado pela dramatização da reportagem, pode-se auferir que Verônica não costumava apresentar-se para sua família “montada”, certamente para evitar repressões e punições (como a expulsão de casa), efetuando suas montagens em momentos e situação específicas, como no Baile das Panteras, e operando uma desmontagem estratégica para garantir sua aceitação no contexto familiar.

Por esse viés, montar-se ou desmontar-se seria uma ação relacionada a lidar com situações de estigma e vergonha, um jogo estratégico de ações, quase sempre racionais, que avalia os custos benefícios de apresentar-se de determinada maneira nos espaços públicos e em específicas interações sociais (DUQUE, 2009). Num contexto cultural com forte vigilância de gênero, a montagem corrente denunciaria desajustes dos sujeitos para com as convenções hegemônicas de sexualidade e gênero,

expondo-os a agressões, vexações e exclusões sociais variadas.

O potencial subversivo das performances das Panteras diria respeito, principalmente, ao desafio as normas de vigilância de sexualidade e gênero presentes na comunidade, articulando a desestabilização dos papéis sociais esperados para os sujeitos designados do gênero masculino, mas que se utilizavam de roupas, gestuais, desejos e afetividades relacionadas como femininas, mesmo sem solicitar a identificação de “mulheres”.

Nessa direção, mesmo considerando-se as ressalvas com relação às re-idealizações das concepções heteronormativas de gênero, o Pantera Gay possuía potencial para ser significado como “inovador” e com capacidade de atrair a atenção da cidade de Rio Branco na segunda metade dos anos 1980, seja por despertar admiração ou desagravos de setores conservadores. Os jornais *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta* não ressaltariam em nenhuma de suas narrativas movimentações organizadas contrárias a realização do evento, entretanto, fariam alguns apontamentos indiretos, sem destaque a acontecimentos “concretos”.

Na notícia “Gays com problema”¹⁹, no jornal *Gazeta do Acre*, de 25.03.1986, Coluna Repórter Gazeta, edição nº 123, se destacaria que:

GAYS COM PROBLEMAS

As “meninas” que irão concorrer ao título de Miss Acre Gay no próximo sábado no Juventus, estão enfrentando um sério problema: não estão encontrando sapatos tipo Luiz XV com suas numerações, variam de 39 a 42 e estão fazendo um verdadeiro rebuliço na cidade. Ameaçam a não desfilarem caso não seja resolvido com urgência esse impasse.

E por falar no Baile Gay, dizem que as mesas já estão no finalzinho, senão acabaram a essa altura do campeonato. **Chega a ser um caso sério a procura. O resultado é que aqui ninguém gosta. Todo mundo recrimina e pichar os gays, mas tem muita gente que não vai deixar de ir ao baile, isso não vai mesmo.** É só esperar pra ver a briga que vai ser para entrar no clube! (*Jornal Gazeta do Acre*, 25.03.1986, edição 123).

O jornalista afirma um contexto de negação social para com as “meninas” e/ou “gays”, entretanto, considera que apesar de “aqui ninguém gosta”, “muita gente não vai deixar de ir” ao Baile Gay. As regulações sociais hegemônicas para o gênero e/ou sexualidade atuavam na perseguição e controle das expressões dissidentes das heteronormas, contudo, os sujeitos identificados como “travestis”, “gays”, “meninas” e “bonecas”, poderiam atrair atenção pública quando apresentados em determinados eventos e espaços sociais. Conforme ressaltado no início desse artigo, a posição ocupada/determinada para esses indivíduos era de uma complexidade marcante, na qual se mesclavam desejo e abjeção, admiração e rejeição, “glória” e punição variadas por não se corresponder às

convenções sociais, como a exclusão familiar e do mercado de trabalho formal.

Uma pequena notícia publicada em *O Rio Branco*, de 26.03.1987, edição nº 3084, intitulada “Baile Gay II”, apresentou uma informação sobre a realização da segunda edição do Pantera Gay, noticiando a mudança do clube que promoveria o evento, sendo realizada alteração do Juventus para o Bancrevéa (Clube dos Bancários). O texto informa que no ano de 1987: “setores do clube (Juventus) acharam que não ficava bem bisar o desfile dos gays”, sem apresentar maiores detalhes sobre os motivos do clube ou notificar acontecimentos específicos que justificassem a decisão.

A resolução do Clube Juventus é interessante por apresentar uma contradição, pois, a primeira edição do evento foi noticiada como um sucesso, tanto de público quanto de crítica, com a direção do lugar afirmando que promoveria todos os anos o baile²⁰. O sucesso se repetiria na segunda edição, com os dirigentes do Bancrevéa também firmando compromissos de colocar o Pantera Gay como parte do calendário do clube²¹. Porém, ao longo do recorte temporal pesquisado, o evento ocorreria de maneira nômade, tendo uma fixidez maior quanto ao seu período de realização anual, entre os meses de março e abril, mas sem local referência, tendo sido promovido no Clube Juventus (1986), Bancrevéa (1987), Sede Social do Rio Branco

Futebol Clube (1988) e Sede Social da Afeleto (1989).

A segunda metade da década de 1980 é marcada pela “chegada” do HIV ao Brasil, no Acre os primeiros casos seriam registrados a partir de 1987 (TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015). O jornal *Gazeta do Acre*, em notícia “Rio Branco tem primeiro caso de AIDS”, de 19.05.1987, edição nº 451, divulgaria dados da Coordenação acreana da Campanha de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, adquiridos junto ao Ministério da Saúde, informando que se registravam três pacientes portadores do HIV na capital do Estado naquele ano (LEITE, 2018).

No ano de 1988, Acre já teria o maior coeficiente de incidência da doença na região norte, com os jornais circulando manchetes como “Acre é o campeão da AIDS”²², “Capital pode ter 300 portadores do vírus da AIDS”²³, “Medo da AIDS”²⁴, “Morte por AIDS gera pânico na capital”²⁵, auxiliando na constituição de uma atmosfera social de pânico moral e sexual, principalmente na maior cidade do estado (LEITE, 2018).

Os dados sobre o HIV no Acre, divulgados nos jornais locais, eram bastante imprecisos, mesmo tendo por fontes instituições relacionadas ao Ministério da saúde, sobretudo, com relação ao número de possíveis portadores da síndrome. Os números variavam entre 150 e 300 sujeitos,

ou seja, se poderia ter um número x de pessoas vivendo com vírus da imunodeficiência ou o dobro na localidade. Considera Larissa Pelúcio, acerca do papel dos discursos de mídia no período sobre a questão do HIV:

Os discursos midiáticos, referendados no (parco) saber médico sobre a doença, instituíam no senso comum a idéia de que quanto mais “respeitável moralmente” fosse à pessoa – leia-se praticante do “bom sexo” –, menos risco ela correria. **Assim, no seu início, a aids estava marcada por um tipo de sexualidade: a homossexual; por um viés de raça/etnia: a negra e a latina; e por um gênero: o masculino.** A associação entre (homo) sexualidade e doença foi reforçada quando cientistas cunharam a sigla GRID (Gay Related Immune Deficiency) para nomear a síndrome, que ainda estava sem uma nosologia precisa. **O termo médico logo se popularizou, via imprensa, como “peste gay” ou “câncer gay”** (PELÚCIO, 2009, p. 113)

Nesse contexto, homossexuais masculinos seriam definidos como principal grupo de risco, ao lado de usuários de drogas e profissionais do sexo, e sofreriam as consequências com o aumento dos estigmas e abjeções sociais relacionadas ao exercício da sexualidade não heterossexual e monogâmica. No âmbito da cidade de Rio Branco, as narrativas jornalísticas produziram visibilidade para situações de estigma e preconceito contra homossexuais.

A reportagem “Motel capricha na higiene para afugentar a AIDS”, *Gazeta do Acre*, 31.01.1988, edição 648, pode ser

considerada um indicativo do aumento da abjeção contra os sujeitos gays. A narrativa notícia que alguns dos motéis da cidade não aceitavam casais homossexuais em vista da “paranoia” com a AIDS. A notícia “AIDS: preconceito afeta homossexuais”, *Gazeta do Acre*, 02.12.1988, edição 898, informa que os homossexuais estariam sendo vítimas de atitudes preconceituosas, “*simplesmente por estarem inseridos num dos grupos de risco*”, relatando o caso de uma academia de ginástica da cidade que estaria discriminando abertamente os gays.

Por esse viés, os sujeitos identificados como “gays”, “travestis”, “homossexuais”, seriam representados como “bodes expiatórios” da epidemia da AIDS e suas existências atravessadas por discursos médicos, midiáticos e populares unidos num “coro alarmista, segregacionista e perigosamente ideológico” (PELÚCIO, 2009, p. 113). Ferrari Soares (2006), em pesquisa sobre a homossexualidade e a AIDS no imaginário das revistas semanais no Brasil, no recorte de 1985-1990, conclui que:

O sujeito homossexual não ocupa uma posição-discursiva que possa se dizer de outra maneira. Ele só significa a partir dos já-ditos em relação a sua sexualidade e em relação a AIDS. Não há brechas, ainda que tímidas para uma outra formação discursiva durante esse período no corpus principal dessa pesquisa. (SOARES, 2006, p 213).

Desse ponto de vista e de maneira não conclusiva, pode-se pensar que o Clube Juventus tomou atitude de não realizar evento vinculado aos “gays” e “travestis” da cidade de Rio Branco, a partir do ano de 1987, pela crescente midiatização dos casos de HIV-AIDS no Brasil e no estado e a ligação recorrente entre a doença e os sujeitos homossexuais, pois, promover ação que possibilitasse visibilidade a esses indivíduos, poderia vincular o Clube de alguma forma à “nova doença” incisivamente estigmatizada.

Nos anos de 1988 e 1989, o baile ocorreria, inclusive, com menos atenção dos jornais pesquisados, talvez como um efeito da frequente significação da AIDS e dos “grupos de riscos” que dificultava a proposição de visibilidades mais positivas para os sujeitos dissidentes das heteronormas. O Baile Pantera Gay de 1989 seria noticiado somente pelo jornal *A Gazeta*, na Coluna social de Marlize Braga, com poucos elementos fotográficos, ocupando um canto de página do periódico e com texto curtíssimo, contrastando com os registros dos anos de 1986 e 1987, onde as produções sobre o evento rendiam destaque nas capas dos jornais estudados e reportagens com diversas fotografias.

Em suma, o evento no recorte temporal pesquisado teve sua relevância no cenário cultural da cidade de Rio Branco e na proposta de uma visibilidade mais “positiva” para os sujeitos reconhecidos como “gays”

e/ou “travestis”. O evento era capaz de “incendiar” a cena cultural da cidade, com os sujeitos em performances provocadoras que despertavam a admiração por parecerem “autênticas” mulheres ou, se não, “artistas” transformistas de “alto padrão”, transpirando o que os promotores dos bailes novaiorquinos apresentados pelo documentário *Paris is Burning* classificariam como “realness”, a capacidade de tomar-se “realmente” semelhante à identidade que se performa, ou de viver um momento de glória, sendo o que deseja “ser” e não se pode por convenções sociais e culturais diversas, tendo suas existências validadas por um momento no tempo e espaço. Parecer “ser” a mulher branca e rica, a glamurosa atriz de cinema/TV ou cantora internacional, a *top model* do momento ou modelo de feminino admirado pelos “bofes” desejados em seus cotidianos.

Esse momento positivo não teria potência para livrar os sujeitos de zonas de desprestígio social de maneira definitiva, passado o evento todos voltavam as suas vidas “normais” e a enfrentar estigmas e preconceitos por suas identidades de gênero e/ou sexualidade. E o que ofereceria as panteras suas existências cotidianas? Quem eram esses sujeitos quando não estavam panteras gays?

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens:** vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. São Carlos: UFSCar, 2009.

GREEN, James N. **Além do Carnaval:** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. trad. César Gordon. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

LAURINDO – TEODORESCU, Lindalva. TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil**, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

LEITE, Ary Pinheiro. **A evolução urbana de Rio Branco (AC):** de seringal a capital. 2010. 83 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

LEITE, Samyr Alexssander Farias. **“Sapatões”, “Gays”, “baitolas”, “meninas”, “bonecas”, “travestis”, “gilete”:** Os discursos da heteronormatividade nos jornais

O Rio Branco e Gazeta do Acre/A Gazeta (1980-1990). 2018. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2018.

LEITE, Samyr Alexssander Farias. O Discurso do Medo: O HIV e a AIDS em notícias dos jornais Gazeta do Acre/A Gazeta e O Rio Branco (1987-1989). **Jamaxi:** Revista de História. V. 2, n. 1. Rio Branco. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 07-34.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MORAIS, Maria de Jesus. **Rio Branco-AC, uma cidade de fronteira:** o processo de urbanização e o mercado de trabalho, a partir dos planos governamentais dos militares aos dias atuais. 2000. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

NUCCI, Marina Fisher; RUSSO, Jane Araújo. **O Terceiro sexo revisitado:** a homossexualidade no Archives of sexual

Behavior. *Physys Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 19 [1]: p. 127-147, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

ROCHA, Airton Chaves da. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco – Acre (1971-1996)**. 2006. 245 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade**, Porto Alegre. jul/dez 1995. p. 71-99.

SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still burning? – Sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um cinema queer. **Canoas**. v. 18, n. 38, p 26-49, set./dez. 2016.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A Homossexualidade e a AIDS no imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)**. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Estudos linguísticos) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2006.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero informes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) –

Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

FONTES

BONECA Raymek quer mais silicone no corpo. **O Rio Branco**, Rio Branco, p. 09, 09 out. 1985, edição 2651.

CAMPOS, Eisenhower; MELO, Jaqueline. GAY: As emoções secretas do baile das bonecas. **A Gazeta do Acre**, Rio Branco, 06 abr. 1986, edição 131.

CAMPOS, Eisenhower. Travestis invadem a noite de Rio Branco. **A Gazeta do Acre**, Rio Branco, p. 02, 09 fev. 1988, edição 655.

GAYS com problema. **A Gazeta do Acre**, Rio Branco, 25 mar. 1986, edição 123.

NOTAS

ⁱ O título desse artigo faz referência ao documentário *Paris Is Burning* (1990). O filme de 1990, dirigido por Jannie Livingston, apresenta narrativa que coloca em foco os bailes drags nova-iorquinos no final dos anos 1980. Por sua repercussão no meio cinematográfico norte americano e as questões suscitadas sobre gênero e sexualidade, a produção tornou-se um *cult* movie e elemento precursor do que se definiria New Queer cinema (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016).

ⁱⁱ Graduado em História Licenciatura (2012) pela Universidade Federal do Acre - UFAC. Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (2016-2018). Servidor Público Federal, ocupante do cargo de Agente em Indigenismo na Fundação Nacional do índio - FUNAI.

³ Ver Moraes (2000); Leite (2010); Rocha (2006).

⁴ Em *“Trabalhadores do Muru: O Rio das Cigarras”* (2005), Gerson Albuquerque rompe com a lógica explicativa que significava os seringais afetados pela crise do negócio da borracha, a partir dos anos 1960,

como “desativados” ou “abandonados”, demonstrando que inúmeros sujeitos permaneceram nos espaços dos antigos seringais e lutaram para construir um cotidiano possível, enfrentando situações de extrema pobreza, conflitos com os novos proprietários das terras, instituições governamentais, polícias e empresários.

⁵ Sobre o termo/conceito “Afroindígena” indica-se a leitura do “*Uwa’kürü: dicionário analítico*”, organizado por Gerson Albuquerque e Agenor Sarraf Pacheco, lançado em 2016 pela editora Nepan.

⁶ Conforme Richard Miskolci (2009), a *teoria queer* “emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero” (MISKOLCI, 2009, p. 150). Essa perspectiva teórica compreende a sexualidade e o gênero como construção social e histórica, considerando a “dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais” (MISKOLCI, 2009, p. 151).

⁷ Para Joan Scott o gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (...) uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Gayle Rubin (1993) observa que o gênero “é uma divisão dos sexos socialmente imposta (...) um produto das relações sociais de sexualidade” (RUBIN, 1993, p. 11).

⁸ As duas primeiras notícias sobre o baile irão classificá-lo como “revolucionário” e “inovador”, destacando o caráter inédito desse tipo de evento na cidade. As narrativas são intituladas “Pantera Gay” e “O Baile Gay”, a primeira publicada no jornal *Gazeta do Acre*, em 05.03.1986, edição nº 110, e a segunda em *O Rio Branco*, em 07.03.1986, edição nº 2771.

⁹ Conforme Notícias “Pantera G 89”, de 03.03.1989, edição 972, e “O Pantera Gay”, de 05.04.1989, edição 998, ambas do jornal *A Gazeta*.

¹⁰ Uso o conceito de travestilidades a partir da leitura de Larissa Pelúcio em “*Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*” (2009), pois, conforme assinala: “Uso o termo no plural por entender que, cada vez mais, torna-se evidente que não há uma maneira única de se constituir essa expressão de gênero. (...) O próprio termo “travestilidade” vem sendo proposto por autores como William Peres (2004), não só para marcar a heterogeneidade de possibilidade identitárias das travestis, como também em substituição ao sufixo “ismo”, que remete à doença e a patologias.” (PELÚCIO, 2009, p. 27).

¹¹ Notícias: “As panteras G prometem show lá no Juventus”, em *O Rio Branco*, de 28.03.1986, edição nº 2788; “Um sucesso”, em *O Rio Branco*, de 30.03.1986, edição nº 2789.

¹² Pela análise das imagens veiculadas junto às notícias e reportagens coletadas pode-se auferir que sob a perspectiva homogeneizante da definição “homossexual/gay” havia uma série de sujeitos que para além da sexualidade contestavam as normas para as identificações de gênero. Contudo, essas formas de dizer os sujeitos constituíam as possibilidades discursivas existentes no contexto dos anos 1980 e articuladas pelas narrativas jornalísticas de *O Rio Branco* e *Gazeta do Acre/A Gazeta*.

¹³ Segundo as notícias: “Pantera Gay” e “O Baile Gay”, a primeira publicada no jornal *Gazeta do Acre*, em 05.03.1986, edição nº 110, e a segunda em *O Rio Branco*, em 07.03.1986, edição nº 2771.

¹⁴ Notícia publicada em 22.04.1989 no *A Gazeta*, edição nº 1012, com manchete de capa “Gays revoltados fazem passeata contra Sombra”, apresenta duas das concorrentes recorrentes a Pantera gay em suas atividades cotidianas e ambas retratadas na narrativa exercem a profissão de cabeleireira, sendo elas Roberta Tarauacá (Pantera 88) e Madonna (concorrente nas edições 1986 e 1987). A notícia “O salto das panteras”, em *Gazeta do Acre*, 16.03.1986, edição 116, informa que Cláudia Muniz trabalha como cabeleireira, ela viria a ser vencedora da primeira edição do Baile das panteras em 1986.

¹⁵ O carnaval é uma festividade onde a presença de sujeitos dissidentes das heteronormas é bastante destacada, sobre esse aspecto Don Kulick (2008) faz a seguinte observação sobre a presença das travestis: “Invariavelmente, todas as descrições ou análises sobre o Carnaval fazem pelo menos uma referência *en passant* a travestis, já que a inversão de gênero é representada quase sempre como a própria personificação do espírito carnavalesco” (KULICK, 2008, p. 22).

¹⁶ Algumas notícias sobre: “Vamp Gay, a sereia mística do Quinze”, em *Gazeta do Acre*, de 01.02.1986; “A morena Patrícia promete arrebeitar no carná”, em *O Rio Branco*, de 16.02.1985; “Patrícia Afirma que no samba e no paetê é imbatível de fato”, em *O Rio Branco*, de 28.01.1986; “Carla promete um bloco gay quente”, em *O Rio Branco*, de 10.12.1985; “Carla promete abafar na escola de samba do Bosque com destaque”, em *O Rio Branco*, de 02.02.1986.

¹⁷ Os jornalistas narravam o “alto nível das candidatas”, elas foram identificadas como “exuberantes loiras e exóticas morenas”, algumas de “plástica perfeita”, conforme veicula a notícia “O salto das panteras” na *Gazeta do Acre*, em 16.03.1986, edição nº 116, p. 11. Jornal *O Rio Branco* seguirá uma linha editorial similar à *Gazeta do Acre* para noticiar o evento, destaca na reportagem “Pantera Gay do ano é a bela Claudia Muniz: ela mereceu”, em 01.04.1986, edição nº 2790, que “as panteras brilharam pela

elegância, charme, desembaraço, aplomb, além de exibirem desenvoltura, indiferentes aos aplausos e até assobios”.

¹⁸ Define-se o sujeito como cisgênero quando este se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascer. Como postula Viviane Vergueiro: “a cisgeneridade pode ser resumida como sendo a identidade de gênero daquelas pessoas cuja ‘experiência interna e individual do gênero’ corresponda ao ‘sexo atribuído no nascimento’ a elas. Em outras palavras, ‘o termo ‘cisgênero’ é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero’ (JESUS, 2012)” (VERGUEIRO, 2015, p. 44).

¹⁹ A notícia refere-se claramente ao Pantera Gay, contudo, o jornalista nomeia o evento no início do texto como “Miss Gay Acre” e posteriormente usa o termo “Baile Gay”, essa seria a única produção nos jornais pesquisados que usaria o nome “Miss Gay Acre” para se referir ao baile.

²⁰ Narrativas “Um sucesso”, *O Rio Branco*, 30.03.1986, edição 2789; “Pantera Gay do ano é a bela Cláudia Muniz: ela mereceu”, *O Rio Branco*, 01.04.1986, edição 2790;

²¹ Reportagem “Pantera G de 87 é a belíssima gatona Débora”, *O Rio Branco*, 22.04.1987, edição 3104.

²² *A Gazeta*, 09.10.1988, edição 854, capa.

²³ *A Gazeta*, 31.01.1989, edição 948, capa.

²⁴ *A Gazeta*, 15.06.1989, edição 1056, p. 10.

²⁵ *A Gazeta*, 26.07.1989, edição 1090, capa.

Recebido em: 19/09/2018.

Aprovado em: 22/10/2018.

Publicado em: 10/01/2019.